

FORMAÇÃO DOCENTE: UMA HISTÓRIA SOBRE A PERSPECTIVA NO ENSINO PÚBLICO

LORENA BRENDA SANTOS NASCIMENTO

Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: loh Santos02@gmail.com

Introdução

Quando pensamos sobre a realidade da educação pública no Brasil, em termos gerais, é comum vir ao pensamento às dificuldades que os alunos enfrentam, por falta de recursos, até mesmo instituições que garantam um ensino de qualidade e desenvolvam neles as potencialidades que são capazes de despertar, se o estímulo necessário for executado da maneira correta. Mas existe um detalhe importante nessa reflexão tão comum, como por exemplo, o papel do educador enquanto pessoa que está na escola justamente para despertar esse lado determinado que o aluno pode oferecer e demonstrar, mas que muitas vezes, fica adormecido e para na vida escolar. Durante o tempo que estamos na escola pública, podemos perceber as diversas dimensões de alguns dos problemas que engajam e perduram até hoje, em nossa realidade educacional. A principal proposta desse trabalho é mostrar uma das versões que, se analisadas corretamente, remete a uma explicação racional para os motivos de tantas dificuldades estarem tão presentes no dia-a-dia daqueles que enfrentam desafios para conseguir administrar uma escola, e ministrar uma aula com sucesso nas instituições de ensino público de educação básica.

Compreender, buscar e refletir sobre essas questões que norteiam o rumo e o futuro da educação, principalmente a formação do professor, como futuro mediador do conhecimento, foi um dos principais motivos para a execução desse trabalho. Procurando meios de obter uma boa formação como docentes, esperamos en-

tender como está sendo usada a metodologia dos professores que já lecionam na rede pública, quais os desafios e o porquê de estarem trilhando esse caminho, que para muitos pode parecer extremamente dificultoso. Isso nos dará uma nova oportunidade de reexaminar os problemas, para que um dia, quando estivermos nessa posição, consigamos entender os numerosos fatores, além dos históricos e políticos que estudamos durante toda a vida acadêmica. Veremos como em algumas ocasiões, o educador é colocado na história como um salvador capaz de transformar a realidade de muitos alunos, com problemas sociais, econômicos, psicológicos, mas nem sempre usufruindo dos valores que deveria desfrutar, algo que ocasiona, além dos vários problemas já existentes, uma dificuldade ainda maior para que a relação entre ambos se torne sólida e indispensável no ambiente escolar.

A partir das questões apresentadas, iremos recorrer aos comentários da professora I. A. de S., suas justificativas, experiências vividas em sala, as influências que a mesma leva até hoje para a prática de seu ensino, e as perspectivas no que diz respeito ao futuro da educação pública, fazendo uma conexão entre todos os fatos que serão apresentados, levando em conta, pensamentos teóricos que também contribuirão para as dadas explicações.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir da História Oral Temática, uma entrevista feita com a professora I. A. da S., que será analisada a partir das experiências compartilhadas conosco, em relação a sua atuação na escola pública, para que possamos compreender um pouco desse universo diversificado da profissão docente, principalmente suas práticas de ensino.

Utilizamos um aparelho celular, para executar a entrevista, e marcamos um local com a mesma, na própria instituição, para dar início à primeira parte do trabalho. O dia escolhido foi 12 de junho,

às 15 horas, onde acontecia também uma festa de encerramento do semestre, para o início das férias, juntamente com a comemoração junina, que todo ano acontece na instituição. Tivemos essa oportunidade por já estarmos fazendo parte de um projeto chamado PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), uma bolsa de extensão que Universidade Estadual do Ceará nos proporcionou, o que contribuiu de maneira significativa, já que temos a oportunidade de trabalhar numa escola de rede pública, em áreas diferentes da cidade, tendo uma aproximação maior das comunidades que frequentam a instituição, além de acompanhar o trabalho dos(as) professores em sala de aula, e a elaboração de projetos pelo corpo gestor. Usamos também o método de pesquisa qualitativa, tendo por critério uma avaliação completa e subjetiva, reflexiva, e que nos leve a uma compreensão crítica do tema que pesquisamos. O tempo gasto para realizar a gravação foi de exatamente: 33min e 94seg. Analisamos o material adquirido a partir de uma transcrição minuciosa de tudo o que foi falado pela professora, seguindo um sistema rigoroso, para que ficasse exatamente o mais verídico possível das emoções expressadas no dia pela mesma, algo que nos ajudou na elaboração do conteúdo que será discutido posteriormente. Assim:

Por estabelecer relações pessoais entre entrevistadores, entrevistados e público em geral, a história oral gera contatos diferentes daqueles gerados pela relação com documentos escritos, que são: preexistentes, frios, imutáveis, com quais prevalece uma relação muda, unilateral, entre pesquisadores e textos. Entrevistas demandam um cerimonial que, por simples que seja, transforma a situação de pesquisa em evento social, ainda que íntimo. (MEIHY, 2011, p. 21)

Por fim, podemos constatar que, essa experiência muito contribuiu para nossa formação, nos dando um leque de possibilidades e uma visão mais abrangente em torno da realidade do professor, e como a sua formação é importante para que a prática de

ensino seja mais valorizada, tanto pelos alunos como pela própria sociedade. Observamos que, a docente entrevistada, tinha muitas histórias para compartilhar e suas vivências refletem visivelmente no tipo de educadora que a mesma almeja tornar-se para seus alunos, e contribuir para o seu crescimento, tanto pessoal, como profissional.

O início de uma formação, jornada para a prática futura

Toda atuação profissional precisa ser avaliada antes de ser aplicada. Na prática pedagógica isso é fundamental para aqueles que irão mediar às informações através dos conhecimentos adquiridos no decorrer dos vários anos de estudo teórico. A escolha de tornar-se um educador requer uma análise reflexiva profunda, além de uma certeza absoluta, que só consegue captar, quem sonha e almeja com honestidade estar nesse ambiente repleto de singularidades, que muitas vezes, necessita de um acompanhamento especial. Na sala de aula da educação fundamental de uma escola pública, o desafio é ainda maior, pois lidar com crianças no início do processo de desenvolvimento pode ser decisivo para um futuro bem, ou mal sucedido.

Conversando com a professora substituta da escola pública que trabalhamos I. A. da S. fizemos questionamentos sobre os momentos mais significativos de sua formação como docente, e o que a levou a querer e escolher o curso. Segundo ela:

[...] Eu decidi fazer pedagogia, porque primeiro, é.. Meus irmãos é.. Todos os meus irmãos são formados, eles são formados em pedagogia (deu uma pausa), e... Minha principal Influência, na verdade, foram eles, assim, eu sempre, e principalmente meus professores, que eu tive desde criança, sempre fui apaixonada pelos meus professores, então eles, eram pessoas que eu admirava muito, e, um dos motivos pelo qual eu escolhi essa profissão foi por eles, pelos meus irmãos, que me incentivavam, é.. Teve grande influência mesmo, grande

participação, nessa escolha né, e como era a faculdade que eu mais me identificava, fora psicologia, era minha segunda opção, mais era uma opção muito forte, também por conta disso, e os, os meus professores que sempre foram maravilhosos comigo.

A professora ainda comenta que, por ter estudado em uma escola religiosa na adolescência, chamada Piamarta, aqui em Fortaleza, suas expectativas sobre a profissão eram as melhores na época, principalmente pelas comparações que fazia com o professores que teve, ela disse:

[...] naquele tempo né, eles eram respeitados, os professores tinham grande valor, assim, (se explica), claro que nunca teve um devido valor como deveria ser, mais, naquele período, os alunos respeitavam bem mais os professores, eram vistos como uma autoridade muito grande na sala de aula.

As mudanças de comportamento estão diretamente ligadas aos diversos fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que a sociedade tem sofrido no decorrer dos anos. No depoimento acima, percebemos que a professora teve uma visão diferenciada da prática docente, provavelmente por influência do meio que se relacionava.

A família teve grande participação, mas a instituição na qual a mesma foi educada, Piamarta, colégio católico que era caracterizado pelas regras que deviam ser seguidas pelos alunos, nos mostra outro conceito de educação, que muitas vezes não faz parte da instituição pública que atende comunidades de classes menos favorecidas economicamente, marcadas pela violência local. Segundo Garrido (1991, p. 150): “[...] a prática cotidiana da escola é uma prática humana. A escola, para funcionar bem, precisa de profissionais que tenha a visão de sua especificidade numa totalidade orgânica.” Assim, pode-se concluir que para um professor fazer parte de uma instituição, qualquer que seja, será preciso que o mesmo esteja preparado para deparar-se com a realidade e contexto geral

do local onde irá lecionar e transformar mentes ainda em desenvolvimento. A docente entrevistada conta como foi duro enxergar a realidade das crianças que ensinava, quando passou num concurso para finalmente fazer parte do cenário público educacional. Ela conta que anteriormente havia passado alguns anos na escola privada com crianças do infantil 5, experiência que considerou muito enriquecedora para a sua formação, mas que sentia necessidade de testar e desafiar sua capacidade como educadora, principalmente pelos comentários que ouvia a respeito da má qualidade da educação, tanto a privada como a pública. Quando foi chamada para lecionar no ensino fundamental, a mesma disse:

Então, quando eu cheguei no 5º ano, eu fui tentando ganhar a amizade deles, fui tentando mostrar pra eles que eu não tava num pedestal, que eu não era a dona da razão, mas eu era aquela pessoa que tava ali pra transmitir o conhecimento e não só o conhecimento né, mais também o carinho.. e eu procurei também usar um pouco da linguagem deles, entende? Porque como eles são adolescentes a gente também não pode ser aquela pessoa que fala, né? Pra cada tipo de idade, a gente também tem que saber se adequar aquela realidade, então eu procuro ver, tentar usar alguns termos que eles costumam usar [...]

A linguagem utilizada numa sala de aula, principalmente pelo professor, quando está num contexto escolar de alunos que vivenciam uma prática social diferente daquela que é ensinada pelos padrões sistemáticos da língua tradicional, é algo desafiador para o docente conseguir adequar uma metodologia que atenda as necessidades de ambos. O professor: que tem por objetivo ensinar o conteúdo programado. O aluno: que tenta fazer uma codificação daquilo que foi dito da matéria. Usar recursos que aproximem ambos de uma aprendizagem dialética é algo que poucos educadores conseguem levar para a sua prática no dia-a-dia. A professora I. A. da S. acredita que quando os alunos percebem a verdadeira inten-

ção do professor, de não reprimir, mas sim colaborar em conjunto, pode ajudar significativamente na relação que ambos irão construir. Assim:

Ao meu ver, os professores das áreas populares, no Brasil, precisam, em primeiro lugar, dar a seus estudantes demonstração de que respeitam a linguagem do povo. Em segundo lugar, têm que mostrar que a linguagem do povo é tão bela quanto a nossa. Em terceiro lugar, têm que ajudá-los a acreditar em sua própria fala, a não sentir vergonha da sua própria linguagem, mas a descobrir a beleza de suas próprias palavras. (FREIRE, 1987, p. 90-91).

Quando a sala de aula torna-se um ambiente, que tanto educador como educando, sentem-se à vontade para expor suas opiniões, sem sentir uma obrigatoriedade demasiada, uma forte conexão entre os dois começa a ser ativada. O docente, enquanto mediador do conhecimento é capaz de interferir diretamente na transformação do aluno de forma positiva. Quando passamos por uma boa experiência em nossa vida escolar, em algum momento no futuro, lembramos e trazemos à tona um determinado comportamento que algum professor já teve enquanto éramos alunos. Do mesmo jeito acontece quando pensamos em um professor que agia de maneira extremamente autoritária. Sentimos repulsa ao lembrar que já fomos constrangidos ou reprimidos pelo mesmo, e levamos essa “imagem” para a vida inteira. Uma boa atuação pode trazer recompensas que ultrapasse a carreira do professor, mesmo quando este se encontra num contexto completamente diferente. Segundo a docente I. A. da S.:

A minha maior recompensa de tudo isso é mesmo o carinho deles, não existe coisa melhor, que eu chegar aqui, os alunos: “Tia Bel, tia Bel!”, me abraçando como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo, porque lá fora, eu passo, ninguém me vê! (começa a chorar), mas quando eu chego aqui dentro, eu sou reconhecida, e.. sabe? Abraçada, parece uma princesa.

Aluno que vê você fora da escola, acho que você como aluno, você já deve ter, quando, aluno vê a professora lá fora da escola, parece que a professora, valha meus Deus! É uma pessoa de outro mundo [...] (emocionada).

O docente é aquele que sempre tenta estar preparado para enfrentar tempestades e salvar “seus marujos” de um possível naufrago, e assim evitar um fracasso maior no futuro. A professora entrevistada conta que mesmo sendo finalmente aceita pela turma de 5º ano na escola pública municipal, depois de muito esforço para chamar a atenção dos alunos, ainda deparava-se com circunstâncias preocupantes, que levava em jogo sua própria carreira na instituição. Estando próxima de uma realidade contraditória, que faz de crianças criminosas muito antes do amadurecimento, comenta sobre como a família não colabora em boa parte da situação, não ajudando os filhos com as atividades de casa, não participando de seu desenvolvimento na escola. Ela diz:

A família ta jogando a responsabilidade pra escola. Quando você vai conversar com um pai, uma mãe, ela simplesmente responde: “Professora, mas nem eu controlo ele.” Se nem uma mãe, um pai, a mãe que abre a boca pra dizer isso, se “eu não consigo controlar meu filho”, você imagina como a professora não tem que fazer coisas mirabolantes pra tentar controlar essa criança. E não é só uma criança! São várias crianças problemáticas, várias crianças que precisam de apoio, várias crianças, que tu, sabe? Da realidade, que é, mora numa comunidade violenta, olha cada caso horrível que eu escuto! “Tiia, morreu um lá perto de casa, levou tiro.

O corpo gestor, nesse momento, também devia entrar em cena, possibilitando que a comunidade interagisse e participasse mais ativamente nas atividades de seus filhos, mas sabemos que o problema vai além do que poderíamos imaginar como sendo uma possível solução. Então, na realidade, o professor acaba tomando para si, uma parte da responsabilidade que não deveria carregar sozinho. Se o aluno não vê valores como o respeito, ética, amor e

carinho dentro da própria família como poderia este chegar numa sala aula esbanjando atitudes que nem mesmo saberia como usar? O que ajuda o docente na hora de ensinar os alunos que passam por problemas que vão além do contexto social no qual estão inseridos é a própria metodologia que o mesmo utiliza para despertar o interesse pelo aprendizado e conhecimento numa aula. Cansados das regras tradicionais e autoritárias que tornam a escola um ambiente ainda mais sistemático, os alunos optam por ignorar o professor, quando este quer apenas ajudar. Como comenta a professora:

A metodologia que você pode usar, porque cada turma é singular também, então, tu precisa refletir, como é que tu vai fazer né, pra tu dar uma boa aula, pra chamar a atenção deles, então, isso requer realmente reflexão.. e pesquisa, porque eu lembro de uma professora da faculdade que falou: “ professor que não é pesquisador, não é um bom professor!” porque tu tem que pesquisar jogos, tem que pesquisar.. Atividades interessantes. Tem que se pesquisar uma série de coisas, até mesmo informações que sirvam pro teu dia-a-dia né? E.. informações atuais também. (I. A. da S.)

A professora acredita que levando novidades, que eles normalmente não tem acesso no dia-a-dia, ajuda na curiosidade, desperta o interesse pelas informações, tornado a aula participativa e dialética. A troca de conhecimentos traz benefícios a ambas as partes. O educador aprende a relacionar-se com a realidade do educando, e vice-versa. Portanto:

Isso faz com que o educando e o educador numa escola pública popular, não cessem de buscar novas informações, novos conhecimentos, não cessem de investigar sempre, por estarem sempre insatisfeitos com os conhecimentos que adquiriram. Reconhecendo-se enquanto sujeitos do conhecimento e não como meros receptores de um conhecimento já prescrito, já determinado, advindo de uma realidade já dada [...] (MARIA, 1996, p. 71).

Diante das tantas funções apresentadas acima, executadas por um só profissional, que é o próprio educador, fica difícil encontrar respostas que justifiquem as mazelas que no que concerne à valorização desse trabalhador tão estimado teoricamente, mas que na prática não ganha o destaque que mereceria. Em meio a tantas dificuldades, a docência torna-se uma prática para poucos, principalmente aqueles que sonham por uma mudança social que transforme a realidade de crianças muitas vezes sem expectativas de um futuro melhor. Sabemos que problemas como esses nem sempre abrangem apenas a rede pública de ensino, as também privadas são incluídas, já que quando se trata das relações entre seres humanos repletos de peculiaridades, os desafios para manter uma boa convivência sempre serão específicos e complexos.

O que podemos observar é que na realidade pública, valores como respeito e ética estão cada vez mais difíceis de serem praticados seja por influência de uma família mal desempenhada, entregue aos caminhos da violência, seja por um corpo de profissionais que muito estão deixando a desejar. Marcados por uma vida sem oportunidades, muitas dessas famílias não sonham com uma vida que vá além daquilo que acreditam poder alcançar.

As crianças, sem muita expectativa, vão para a escola com o objetivo de lá poder encontrar uma oportunidade de enxergar mais adiante. O professor, com suas múltiplas características, é aquilo que muitos chamam de esperança, de luz no fim do túnel, de salvador. Quando perguntamos as perspectivas da professora I. A. da S. para a sua carreira na escola municipal, a mesma disse:

Porque todas as profissões passam pelo professor, é através do professor que a gente aprende a ser um professor, aprende a ser um médico, aprende a ser um advogado. O professor passa na vida de todos. E, o que falta mesmo, é o reconhecimento, não somente em termo salarial, porque o professor infelizmente não ganha o que é justo. É.. mais assim, principalmente nesses termos, saber que você tem essa profissão

e que, as pessoas enxergam essa profissão de uma maneira brilhante, de uma maneira delicada, de uma maneira admirável. E hoje em dia, essa profissão, infelizmente, por muitos, né, por inúmeras pessoas, não estão sendo, não esta sendo respeitado. Como querem uma educação melhor se a educação não é valorizada como deveria? Não existe isso, se algo não é valorizado, não tem como melhorar. Então, eu espero que um dia isso mude, de verdade.

Portanto, é indispensável à importância que esse profissional revela na vida de cada pessoa que passa por uma vida escolar, mesmo que ínfima, ou não continuada. A educadora entrevistada vê na sua profissão a esperança para uma transformação que melhore a vida de seus alunos na escola pública, que desperte suas melhores capacidades, para mostrá-los, não somente a eles, mas a família, a sociedade como um todo, que a partir do aprendizado e do conhecimento se alcança vãos tão altos, que a diferença entre os níveis institucionais, privado, público, rico, pobre, serão irrelevantes quando a postura critica for suficiente para derrubar os muros que separam vidas diferentes, mas corpos iguais, afinal, todos como seres humanos merecemos o direito de lutar por nossos sonhos. Assim:

A educação pública popular, como toda prática social, está submetida a limites, e esses limites são de toda ordem: são sociais, políticos, econômicos, ideológicos, enfim, são limites históricos. Sendo histórica e estando submetida a limites, toda prática se dá num espaço que, sendo social, é um espaço histórico, um espaço político e contraditoriamente também um espaço gerador de possibilidades. (MARIA, 1996, p. 61).

Considerações finais

De acordo com os fatos apresentados nesse trabalho, através de uma entrevista realizada com uma educadora que leciona na rede pública municipal, podemos perceber as principais características

da metodologia que a mesma utiliza em sua sala de aula, para ensinar alunos que vivem numa realidade social repleta de dificuldades. Também abordamos as influências que levaram a educadora a praticar determinados comportamentos, que segundo ela, refletem um caminho de possibilidades e esperança para alunos, que muitas vezes, não possuem expectativa de um futuro promissor. Percebemos que muitos são os desafios para exercer uma prática de ensino na escola pública, visto que problemas e diferenças sociais, econômicos, culturais dificultam uma interatividade maior entre escola/comunidade, algo que o professor precisa saber lidar, mesmo que não devesse necessariamente levar como mais uma responsabilidade das tantas que já carrega no cotidiano educacional. Vimos que a educadora entrevistada procura meios que facilite seu trabalho em sala de aula, reconhecendo a importância da linguagem e costumes de seus alunos, respeitando os limites de cada singularidade. Assim, valores como: carinho, amor, respeito ganham espaço num ambiente que antes parecia impossível penetrar. As relações entre ambos ganham sua particularidade. A mesma também buscou materiais inovadores, informações e conhecimentos diversos através de pesquisas que considera fundamentais fazerem parte da vida de um professor, que vive em constante aprendizado.

Assim, reconhecendo o indispensável para exercer uma prática libertadora, que desperte o lado capaz, determinado e curioso do aluno, esperamos que a valorização desse profissional insubstituível ganhe mais força na realidade educacional, seja na instituição pública ou privada. Só podemos transformar vidas quando somos reconhecidos por aquilo que fazemos de melhor. É um estímulo que com certeza, só trará conseqüências positivas.

Referências bibliográficas

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. Medo e Ousadia: **o cotidiano do professor**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VALE, Ana Maria do. **Educação popular na escola pública**. 2. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe B., RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia Prático de História Oral: **para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.